

PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ABOLICIONISTAS: ASPECTOS DA CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE ATRAVÉS DAS TRAJETÓRIAS DE ETELVINA AMÁLIA DE SIQUEIRA (SERGIPE, 1862-1937) E MARIA FIRMINA DOS REIS (MARANHÃO, 1825-1917)

Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas*
UFS
anagbueno@uol.com.br

Palavras-chave: *educação feminina, práticas educativas e pesquisa biográfica*

Apresentação

Se debruçar sobre a escrita feminina no século XIX e XX e o campo educacional tem sido uma tarefa enfrentada por alguns estudiosos quer no campo das letras como também no caso da História da Educação. Neste sentido, ressalta-se, entre outros estudos, as contribuições de Norma Telles (1997); Zahidé Lupinacci Muzart (1999), Maria Arisnete Câmara de Moraes (2001), Elizabeth Angélica Santos Siqueira (et.al. 1995), Lígia Madureira Pina (1992) (Lílían de Lacerda (2003), Charliton dos Santos Machado (2005) Ana Chrystina Venâncio Mignot (et.al. 2000). No caso da presente investigação intenta-se relacionar a prática de escrita abolicionista de duas professoras que atuaram no século XIX e no início do século XX, em Sergipe e no Maranhão, respectivamente Etelvina Amália de Siqueira (1862-1937) e Maria Firmina dos Reis (1825-1917).

Através das trajetórias de duas professoras abolicionistas, que atuaram na passagem do século XIX para o século XX, pretende-se compreender aspectos da configuração do exercício do magistério feminino, em Sergipe e no Maranhão. Etelvina Amália de Siqueira formou-se na Escola Normal em 1884 e inicialmente era professora particular de meninas e lecionava também na escola criada pela Sociedade Libertadora Cabana do Pai Thomaz. Maria Firmina dos Reis prestou concurso para o ensino primário oficial e foi nomeada em 1847, é considerada a primeira romancista abolicionista brasileira, através da obra “Úrsula”, publicado entre 1859-1860.

Ambas atuaram publicando textos em jornais em defesa da abolição da escravidão e da escolarização das mulheres e dos pobres. Este estudo se fundamenta nos pressupostos da História Cultural e da História da Profissão Docente, tendo como metodologia a abordagem biográfica. Ambas foram celibatárias dedicando suas vidas ao magistério e à imprensa abolicionista.

* Profa. Adjunta do Departamento de Educação e do Núcleo de Pós-Graduação em Educação Vice-Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais e práticas escolares

Etelvina Amália de Siqueira (1862-1935)

Nasceu em Itabaiana, em 5 de novembro de 1862. Filha de José Jorge de Siqueira e Rosa Maria de Siqueira¹. Irmã de José Jorge Siqueira Filho (1845-1870), consagrado poeta da literatura sergipana ligado à Escola Condoreira do Recife, e um dos pioneiros em terras sergipanas na transição do romantismo para o parnasianismo (LIMA, 1986, p. 313-318). Os estudiosos da obra de José Jorge registram o empenho de Etelvina para o recolhimento e a organização dos originais para publicação da coletânea de seus poemas, espalhados pela grande imprensa sergipana.²

Etelvina como perdeu o pai muito jovem e seu irmão antes dele, seu tio Francisco José Alves (1825-1896), provavelmente deve ter exercido uma presença muito forte em sua vida, amparando e apoiando seu desenvolvimento intelectual e profissional. Francisco José Alves, tenente da Guarda Nacional, ex-combatente da Guerra do Paraguai, jornalista e abolicionista, foi proprietário de dois importantes jornais em prol da abolição dos escravos, “O Descrido” (1882) e depois “O Libertador” (1882-1884).

Em dezembro 1882, ele criou e manteve a “Sociedade Libertadora Aracajuana Cabana do Pai Thomaz”, juntamente com outros sergipanos ilustres, que tinha como objetivo libertar escravos. Além de campanhas de arrecadação de fundos para comprar a liberdade dos cativos, a associação promovia peças teatrais com textos que tratavam do drama da escravidão e da exploração dos negros, com o objetivo de sensibilizar a população. Criou também, neste mesmo ano uma escola para alfabetizar meninos e meninas recém-libertos ou ainda escravos³.

Etelvina proferiu alguns discursos na “Sociedade Libertadora ‘Cabana do Pai Thomaz’” “sociedade e também foi professora na escola criada pelo tio, juntamente com a sua prima Maria dos Prazeres Siqueira Alves. Seu primeiro discurso data de 2 de dezembro de 1883, onde defende abertamente a abolição dos escravos, foi publicado no Jornal “O Libertador”, em 8 de dezembro do mesmo ano. Um pequeno trecho deste discurso, permite uma aproximação com o “estilo arrebatador” da jovem autora:

Desde o berço, foi o Brasil embalado pela canção do escravo; o cântico converteu-se em pranto e o pranto em desespero: é muito sofrer! O homem não pode mais suportar o retalhamento de suas carnes, e mais que tudo a bofetada do escárneo atirada diariamente aos seus brios! O escravo há de ser livre! Se Deus não ouve seus lamentos, se não chegam ao céu as suas dores, cumpre a mocidade corrigir o erro de Deus, na frase sublime do Dr. Tobias Barreto.” (SIQUEIRA, Etelvina Amália de. Discurso pronunciado em 2 de dezembro de 1883, na Sociedade Libertadora Sergipana ‘Cabana do Pai Thomaz’. Publicado no Jornal ‘O Libertador’, n.50, ano III, 8 de dezembro de 1883, apud. NUNES: 1984, p.157).

Sobre o processo de escolarização de Etelvina Amália de Siqueira, consta que ela fez o curso primário em Itabaiana, com a Professra D. Esmeralda de Mello. Com a morte de seu pai, ela mudou para Aracaju, ingressando em seguida para a Escola Normal, onde se diplomou em novembro de 1884.

Neste mesmo ano, publicou um artigo na imprensa sergipana, intitulado “Quadro Negro” (“O Libertador”, em 17 de maio de 1884, n.59) e na imprensa de Pelotas, intitulado “A escravidão e a mulher”.(Jornal “A discussão”, em 17 de junho de 1884). Neste último texto, Etelvina retomou o tema da escravidão como uma “barbaridade

social” e reclamou da “mesquinharia” da maioria das mulheres que até então tem acompanhado sem se manifestar atos cruéis contra escravos e escravas. Apelou à caridade, às virtudes e ao coração feminino para que se manifeste, e eduque seus filhos adequadamente tendo como base, a bondade, a justiça, a honestidade e a liberdade. Conclamou que as mulheres não fossem coniventes com a escravidão, apenas preocupadas em “registrar os escravos”, e “manter a vaidade”, mas que lutassem pela libertação deles. No final do discurso, Etelvina insistiu na esperança que as mulheres possuidoras de escravos, se espelhassem na “simplicidade e na beleza” da vida de uma filha de um “proletário”. Eis alguns trechos do discurso:

[...] A mulher, companheira do homem, tanto no prazer como na desgraça, tem por dever conservar a harmonia no lar, espalhando com sua voz benéfica o doce perfume da moral e da religião; seu coração, sempre puro, deve ser um manancial de bondades nunca desmentidas, qualquer que seja a crise por que achesse seu espírito na tortuosa estrada da vida.[...] Eduque-se convenientemente a mulher, façam-na conceber as verdades de sua missão, liberte-se seu espírito das garras da vaidade, que conduz insensivelmente ao abismo de todos os vícios, e teremos completa a nossa sociedade. Mas não se compreenda que uma leve educação se recebe nos colégios e academias, ela tem o seu berço na família, e só uma mãe solícita e inteligente pode dirigir com proveito as faculdades de seu filho. [...] Compenetrar-se de que tem a exercer na terra uma missão elevada, mostrar-se forte pela virtude, respeitada pela nobreza de suas ações; especialmente a mulher mãe, é que deve ter em muita consideração estas verdades; é dela que a sociedade espera seus membros; cabe-lhe portanto a melindrosa tarefa de plantar nos corações dos futuros cidadãos a semente do bom, do justo, e do honesto; de arraigar com desvelo nesse terreno virgem que tem a cultivar a árvore santa da liberdade; de acostumar seus filhos a envergonhar-se do título infamante de senhor de seus próprios irmãos; de criar em seus espíritos natural aversão ao – chicote, - esse maldito escarro de Satanás, que há tantos séculos grudou-se na face cândida de nossa América... [...] Misturai vossas lágrimas ao pranto desses infelizes, daí-lhes um sorriso de piedade que traduza uma esperança; armai-vos com o báculo augusto da virtude, desprezai o luxo; encaraí piedosas o vício que vos cerca; chorai com os desgraçados; cortai pela raiz esse orgulho mal entendido que vos assemelha a verdadeiros brincos de criança; desprezai a vossa posição e lembrai-vos dos vossos deveres para com Deus, para com a família e para com a sociedade; acreditai que só a virtude é capaz de elevar a mulher, a inocente filha do proletário, é mil vezes mais cândida, mais bela, que a vaidosa e presumida herdeira de amontoados cabedais, auferidos dessa fonte de dor, o escravo!” (SIQUEIRA, Etelvina Amalia de. Publicado em Pelotas, no Jornal ‘A discussão’, em 17 de junho de 1884, apud. LIMA: 1998, p. 38-43).

Sem pretender uma contextualização exaustiva sobre o período em que Etelvina escreve e publica seus mais inflamados discursos em prol da abolição da escravatura, é necessário ressaltar que as estratégias usadas por ela nos seus textos, estiveram presentes neste mesmo contexto, em outros autores⁴, por todo Brasil, . A propaganda abolicionista e republicana encontram-se atreladas em algumas regiões do país, com a perspectiva do avanço do liberalismo, que pregava a necessidade do desenvolvimento, através da extinção do escravismo, da modernização através da implantação de

indústrias, da produção através da pequena propriedade e da descentralização do poder oligárquico.⁵

Seria preciso “dobrar tenazes resistências” para que a abolição dos escravos se tornasse uma realidade, enquanto os abolicionistas queriam libertar os negros e aceleravam o processo, os fazendeiros proprietários de escravos, precisavam substituir a mão-de-obra e retardaram o quanto puderam a ação do Estado, como indica Bosi (1992, p. 141).

Segundo os registros biográficos encontradas sobre Etelvina⁶ após formatura, a partir de 1885, ela dirigiu e manteve um curso primário e secundário para meninas até 1900. Além de ter atuado na escola instituída pelo seu tio em 1882 (cf. SANTOS, 1997, p.104) para atender crianças recém-libertas e escravas que tenha passado para sua responsabilidade após a formatura.

Sua contribuição nos jornais sergipanos, no período de 1887 a 1902, é intensa, escreveu em vários estilos literários, colaborando nos jornais: “Gazeta de Aracaju”, “O Estado de Sergipe”, “Nova Era”, e também no “Almanaque de Sergipe” (de 1887 e 1902).

Em 1890, publica o livro de contos “Pequenos Vôos”⁷. Em 1900, foi nomeada professora pública do povoado Barra dos Coqueiros, no ano seguinte foi removida para lecionar na Escola Elementar, anexa à Escola Normal. Em 1911, pronunciou um discurso no ato de inauguração do novo Prédio da Escola Normal, situado na praça central da cidade.⁸ A partir de 1911 foi professora da Escola Normal, ocupando também o cargo de auxiliar do Diretor da Escola Normal e Anexa, foi nomeada em 1912, professora catedrática de Português. Em 1913 escreveu hinos escolares que serão publicados no “Hinário dos Grupos Escolares e Escolas Singulares por iniciativa do Governo do General Antônio José Siqueira de Menezes”.

Etelvina participou da “Hora Literária”, sociedade com fins culturais, criada em 1919, onde também atuava a Professora da Escola Normal e poetisa Leonor Teles de Menezes.⁹

Em 1920, escreveu o poema “Quadras a Tobias Barreto”, por ocasião da chegada em Aracaju, dos restos mortais do renomado sergipano, no ano do centenário da emancipação política de Sergipe. Este poema foi publicado pela primeira vez, no livro de Maria Rita Soares de Andrade, intitulado “A mulher na literatura.” Faleceu subitamente, em 28 de março de 1935.

Segundo Bittencourt (1917)¹⁰, entre os discípulos de Etelvina Amália de Siqueira, podem ser citados: “Annibal Freire, Jackson de Figueiredo¹¹, Arnaldo Mesquita, Octaviano Mello, Edgard Coelho¹², Alfredo Cabral, José Cabral, Alvaro Brito, Octavio Brito, Marcillac Motta, Genulpho Freire.” Infelizmente, o autor só registrou os alunos homens e com certeza a contribuição na formação de várias gerações de alunas da Escola Normal não foi pequena.

Uma ex-normalista, em um discurso em comemoração aos 100 anos da Escola Normal, ressaltou a altivez e a austeridade da “mestra”: “Etelvina Amália de Siqueira ereta, como o estirpe, austera em contraste à suavidade de sua veia poética, forçando-nos a descobrir o sujeito da oração que, manhosamente se escondia nas zeugmas e eclipses, dos trechos da ‘Antologia Nacional’ de Fausto Barretto e Carlos Laet.” (cf. FREITAS, 1995, p.85)

Etelvina marcou a sociedade sergipana com seus escritos e sua atuação como professora ao longo de várias gerações. Sua vida e seus posicionamentos parecem motivar estudos e reflexões diversos, como pode ser percebido a seguir:

dotada de excellentes virtudes moraes e accentuadas qualidades intellectuaes, poetisa inspirada... (BITTENCOURT, 1917, p. 61).

preceptora abalizada e poetisa de surtos delicados (GUARANÁ, 1925, p.75).

decana das poetisas sergipanas (ANDRADE, 1929, p.156)

mulher sergipana pioneira nas atividades intelectuais (NUNES, 1984, p. 157).

cultora do verso e da prosa, oradora vibrante, educadora, conhecedora do idioma pátrio, abolicionista convicta e como tal amante da liberdade e da república, participando também, através do jornalismo dos problemas educacionais e sociais de sua terra (FREIRE, 1988, p. 29).

inteligência fulgurante, foi poetisa, contista, jornalista, oradora e declamadora (PINA, 1994, p.193).

a voz de Etelvina é a expressão em favor da dignidade humana, no sentido mais amplo, ressoa como não só combate ao preconceito racial, mas acima de tudo como força para conscientizar a sociedade sobre a emergência da Abolição (LIMA, 1998, p.30).

Jornalista, professora, poetisa, contista, declamadora, oradora, abolicionista, republicana, ela é referenciada também por ter sido a primeira intelectual sergipana que se tem notícias, as influências recebidas pelo irmão e pelo tio são significativas na sua trajetória. Mesmo trabalhando como professora, não deixou de contribuir para a imprensa, como outros intelectuais do período praticava uma espécie de “literatura militante” (cf. SEVCENKO, 1985, p.14) em defesa da abolição da escravatura, pronunciou seus mais importantes discursos, sem deixar de atuar na alfabetização de meninos e meninas recém-libertos, ou ainda escravos no final do século XIX, vale lembrar que eles não eram aceitos na maioria das escolas públicas.

Após a morte de Etelvina, dois registros encontrados merecem ser destacados, um deles mostra a aproximação entre Maria Rita Soares de Andrade e a referida poetisa, e oferece outros indícios sobre a sua trajetória pessoal e profissional:

Faleceu, ante-ontem, aos 73 anos de idade, a professora Etelvina Amalia de Siqueira; uma figura de real projecção no cenário mental sergipano. Mestre desde quasi creança, professora de várias gerações durante mais de cinquenta annos. De familia pobre, conseguiu estudar quando ainda usto era defeso à mulher; foi, talvez, a primeira mestra de Sergipe, na verdadeira expressão da palavra; ensinou primeiras letras, na era da palmatória, com carinho, como se começa a fazer hoje, de acordo com os scientistas modernos; cathedratica de português da Escola Normal, deu a esse instituto de ensino o melhor do seu espirito, até quando, alcançada pela idade, cedeu ao peso dos annos, aposentando-se; escriptora, poetisa illustrou o jornalismo conterraneo com as expansões brilhantes de seu talento. (ANDRADE, Maria Rita

Soares de. Nota Dissonante. In:Correio de Aracaju, 20/03/1935. Apud, FREIRE, 1988, p.32)

O discurso de Maria Rita segue comentando os talentos de Etelvina Amália de Siqueira e termina com um tom indignado, tendo em vista o descaso do Estado, e do corpo docente e discente da Escola Normal, em não suspenderem as aulas para participarem do enterro:

Dos institutos de ensino só o Collegio Sant'Anna, dirigido por sua condigna collega Deputada Quintina Diniz fez-se representar pelos seus corpos docente e discente. A Escola Normal, onde ella deixou a parte melhor da vida não compareceu; nem a direcção, nem o corpo docente (apenas um professor), lhe prestou a mais simples homenagem. A Escola Normal funcionou normalmente. Parece incrível. [...] Cada um de nós, que recebemos as luzes que ella nos communicou, no que fizer, firmará o seu nome e gravará melhor o testemunho da ingratidão e da ignorância dos que passam indifferentes pelo mais lidimo direiro ao respeito e á admiração publica: a vida honesta, proficua e util, de estudo e trabalho, dum nobre professor. (ANDRADE, Maria Rita Soares de. Nota Dissonante. In:Correio de Aracaju, 20/03/1935. Apud, FREIRE, 1988, p.32)

Etelvina Amália de Siqueira não deixou filhos, mas através do contato com sua sobrinha Marieta Alves de Almeida, Pina (1994, p.191-204) conseguiu ter acesso a um “caderno de poesias” da escritora, e recuperar alguns de seus poemas até então desconhecidos. Seus outros trabalhos presentes na grande imprensa foram recuperados por Lima (1998) e alguns também por Freire (1988) e por Figueirôa (2007)

Um texto encontrado no álbum da família Diniz de Oliveira Ribeiro, datado de 18 de março de 1938, recuperado por Pina (1994, p.193-194), escrito por Emília Massilac Fontes, permeado pelo sentimento de perda e de gratidão, edifica a imagem de Etelvina, e conclama as mulheres sergipanas a não se esquecerem da “nobre mestra”:

Há três anos, precisamente, no dia de hoje desapareceu do cenário da vida o seu vulto de mulher admirável que a todos nós empolgava, não só pelas qualidades excelentes do seu espírito, sempre em luta por uma vida honrada, como pela sua grande inteligência que ressaltava no delicado e espinhoso mister de educadora e mestra desvelada e incansável em transmitir o seu saber a inúmeras patricias suas que hoje, por certo, bendirão o seu nome. Senti que, ao pisar ao solo da minha terra, não mais encontrasse aquele tipo exemplar de mulher sergipana que tanto me comprazia em ver, fraternalmente unida como flores em carimbo, as eméritas professoras Clotildes Ramos Machado, e Quintina de Oliveira Ribeiro. [...] Que o seu e o meu Estado, pelo impulso generoso e agradecido das mulheres sergipanas que são flores irmanadas na bondade, façam justiça á sua memória, não a esquecendo nunca. É o que nesta hora de saudade desejo e espero de minhas gentis conterrâneas. (FONTES, Maria Marsillac, 1938. Apud. PINA: 1994, p. 193-194)

No número da Revista “Renovação”, dirigida por Maria Rita Soares de Andrade, dedicado ao segundo Congresso Internacional Feminista (n.12, de 15 de junho de 1931), realizado no Rio de Janeiro, ela publicou um dos hinos escolares de Etelvina Amália de Siqueira entre outros textos de autoria de poetisas e escritoras sergipanas. Este hino não foi publicado juntamente com os outros no “Hinário dos Grupos Escolares e Escolas Singulares por iniciativa do Governo do General Antônio José Siqueira de Menezes”. Pode ser que seja inédito, ou tenha sido escrito especialmente para a Revista, várias estrofes expressam representações do papel da mulher na sociedade, destaca a questão das “revoluções” (menção à Revolução de 30, talvez) escrito para ser cantado por um grupo de alunas. Eis alguns trechos:

Hymno escolar

[...]

Côro: A escola é um templo,
Casto, sublime,
Formoso exemplo,
Que o mal reprime

-

Nossas palmas e homenagens
A's conquistas do a, b, c,
O analphabeto é um morto
Só vive quem sabe ler

A escola é um templo, etc

Estudemos, pois e muito;
É isto que a Pátria quer;
Os destinos do Brasil
Estão nas mãos da mulher

A escola é um templo, etc

Si o homem tem a força
E faz as revoluções
A mulher tem a bondade
Que avassalla corações

A escola é um templo, etc

Si elle, valente e altivo
Tudo espera conseguir.
A mulher domina o mundo

Sempre a amar, sempre a sorrir

A escola é um templo, etc

Somente o livro por gladio,
Por escopo a honra e a fê
Nós mostraremos ao mundo
O Brasil sempre de pé!
A escola é um templo, etc

E, enquanto somos creanças,

Borboletinhas gentis,
Cantemos todas, cantemos
Da vida a aurora feliz

A escola é um templo, etc”¹³

Etelvina Amália de Siqueira, precursora das intelectuais sergipanas, professora catedrática da Escola Normal, autora de discursos inflamados pela causa abolicionistas, de poesias parnasianas e de hinos escolares. Ressalta-se que estes últimos se tornaram muito importantes, em Sergipe (e também no Brasil) principalmente após a introdução obrigatório do Canto Orfeônico nas Escolas, no final da primeira década da República, e marcam a lembrança de muitos ex-alunos adultos, que ainda sabem de cor, muitos refrões.

A preocupação com o processo de escolarização de recém-libertos e ex-escravos, e atuação como na Escola Normal e em outras escolas, marcaram também a sua trajetória, no exercício docente, segundo os indícios encontrados, o foco na escolarização feminina foi muito significativo.

Maria Firmina dos Reis¹⁴ (1825-1917)

Considerada por muitos autores como a primeira romancista brasileira (SCHUMACHER; BRAZIL, 2000, p.390-391) Maria Firmina dos Reis¹⁵ nasceu em São Luís no Maranhão, em outubro de 1825, bastarda, negra e foi registrada como filha de Leonor Felipe dos Reis e João Pedro Esteves. Ainda menina foi morar em Guimarães, e em 1847 prestou concurso para professora do ensino primário, sendo aprovada.

Seu primeiro romance, publicado por volta de 1859-1860, sob o pseudônimo de “Uma Maranhense”, intitulado “Úrsula”, aborda a questão da escravatura no Brasil, sendo considerado pelos críticos um marco na literatura feminina abolicionista. Escreveu artigos para jornais e revistas e publicou na Revista Maranhense o conto “A escrava”. O romance e o conto, recentemente re-publicados (2004) pela Editora Mulheres em co-edição com a Editora Puc-Minas.

No início de 1880, de acordo com Melo (2008, p.124) Maria Firmina escandalizou a sociedade maranhense criando a primeira escola pública mista e gratuita da província. Lecionou até se aposentar, não teve filhos mas adotou diversas crianças e cuidou de muitos afilhados, morreu cega aos 92 anos, em 11 de novembro de 1917.

Sua participação na imprensa foi intensa como atesta um de seus biógrafos, Nascimento Moraes Filho (s.n/s.d), entre eles; “A imprensa” (1860); “Verdadeira Marmota”(1861); “O Jardim das Maranhenses” (1861)“Almanaque das lembranças brasileiras” (1863;1868)“Porto Livre” (1863), “Eco da juventude” (1865); “A revista maranhense” (1887), entre outros.

Publicou seu segundo romance “Gupeva” em forma de folhetim no ano de 1861 e em 1865, em diferentes jornais e em 1871, publicou seu livro de poemas, intitulado “Cantos a beira mar”. Na comemoração do sesquicentenário de Maria Firmina, Nascimento Moraes Filho com apoio do governo do Maranhão organizou alguns dos poemas da autora, republicou o “Gupeva” bem como excertos de seu “Álbum”, com registros de sua trajetória por ela mesma, aproxima-se de um livro de assentos e também com um álbum de recordações, muito comuns no século XIX. Público e privado se confundem, despedidas, mortes, nascimentos, aniversários, povoam suas páginas.

Maria Firmina assim define seu “Álbum”:

Aqui neste livro íntimo, onde só tenho estampados os nomes sacros que mais hei amado no mundo: - a quem tenho confiado os mais ardentes e os mais profundos sentimentos de minha alma – as mais doces e as mais dolorosas – aqui estais vós. Bem compreendeis o que é um álbum – são as páginas d’alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança – saudade, ou dor, eis o que ele significa. (REIS, Maria Firmina dos In: MORAIS FILHO, Nascimento, s.n.t./s.d)

Neste livro encontramos também pessoas que escrevem deixando mensagens de apreço, reconhecimento e afeto a Maria Firmina dos Reis, muitas passagens são feitas como registros de falecimentos e nascimentos como:

Vanda, filha de Otávia, nasceu a 7 de setembro de 1887 pelas 11 horas da noite. Zuzu, filha de Sinhá, nasceu a 25 de outubro do mesmo ano de 87, pelas 7 horas da manhã. Andaram mbos depois de completo o 1º ano. Oton, filho de Otávia nasceu a 7 de dezembro de 1881, pelas 6 horas de manhã, batizou-se no 1º de maio de 1883 e principiou a andar a 11 de fevereiro de 1884. (REIS, Maria Firmina dos In: MORAIS FILHO, Nascimento, s.n.t./s.d)

Segundo Muzart (1999, p.269) “o tom que domina o ‘Álbum’ é o elegíaco e, dentre as lamentações, encontram-se dados que nos permitem concluir que a vida de Maria Firmina foi árdua e solitária [...] em ‘Resumo da minha vida’, em tom evidentemente romântico e por demais melancólico, fala da sua infância e de sua solidão”:

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar arremate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores, que minha avó cultivava com esmero talvez; por isso eu tanto ame as flores; foram elas o meu primeiro amor. (REIS, Maria Firmina dos In: MORAIS FILHO, Nascimento, s.n.t./s.d)

Assim como Etelvina Amália de Siqueira, também Maria Firmina dos Reis se ressentia do tipo de educação dada às mulheres de seu tempo, os limites da formação realizada no espaço doméstico e de alguma forma a circunscrição das ações femininas. Em outro momento, ainda no “Álbum”, ela registra: “amo a doce melodia dos bosques, o terno afeto de uma mãe querida [...] e sobre todas estas coisas amo a Deus; e ainda assim não sou feliz; porque insondável me segue, me acompanha esse querer indefinível que só poderá encontrar satisfação na sepultura.” (REIS, Maria Firmina dos In: MORAIS FILHO, Nascimento, s.n.t./s.d)

Sobre o romance “Úrsula”, a narrativa como ressalta Muzart (1999, p. 266) “lembra velhas narrativas de tempos medievais, cavaleiros e damas em perigo, promessa, conflitos entre amor, honra e dever.” As primeiras páginas são dedicadas ao salvamento do cavaleiro Tancredo pelo jovem escravo Túlio, em seguida aparece Úrsula que se dedicou de corpo e alma aos ferimentos do jovem cavaleiro. A mãe de Úrsula e Tancredo comentam momentos de tristeza e melancolia permeados de tragédias e decepções. Mãe Susana descreve a liberdade na África ao saber da alforria de Túlio pelo

jovem cavaleiro, e aponta as diferenças entre a vida na África e a vida de um alforriado. O amor de Úrsula e Tancredo precisa vencer perdas e muitos sofrimentos por conta do tio de Úrsula que quer desposá-la. Segundo Muzart (1999, p.267) : “os elementos góticos estão presentes na perseguição do tio, no assassinato do herói, à porta da igreja, logo depois do casamento, no rapto da heroína e na conseqüente loucura desta. Ainda, como elementos góticos, a obsessão do vilão, agora monge, perseguido até a morte pelo remorso”.

Além de textos Maria Firmina dos Reis deixou também peças musicais entre elas: Auto de bumba-meu-boi (letra e música); Valsa (letra de Gonçalves Dias e música de Maria Firmina dos Reis). Hino à Mocidade (letra e música), Hino à liberdade dos escravos (letra e música); Rosinha, valsa (letra e música), entre outras (Cf. MUZART, 1999, p.,272)

Considerações finais

A atuação no campo do magistério e da literatura que aproximaram Etelvina Amália de Siqueira e Maria Firmina dos Reis pode ser encontrada em outros perfis de autoras/professoras do século XIX, como apontam Muzart (1999), Siqueira (et.al. 1995) Telles (1997) e Leite (2005) , em diversas províncias brasileiras. No entanto, a denúncia sobre a condição feminina, a educação restritiva recebida pelas mulheres e a necessidade da abolição da escravatura marcaram as trajetórias das professoras pesquisadas.

Romperam barreiras na escolarização de meninas e pobres do século XIX, atuaram na imprensa, escreveram poemas, discursos, romances e contos, deixaram registros que nos permitiram perceber vestígios de emancipação destas professoras/literatas.

¹ Sobre seus pais ainda não foi encontrada nenhuma referência sobre a profissão, origem social, entre outros.

² Cf. LIMA (1986, p.316-317)

³ Maiores informações consultar: SANTOS (1997)

⁴ Muitos destes autores, inspirados no utilitarismo intelectual, onde segundo SEVCENKO (1989) somente seriam válidas as formas de criação e reprodução cultural que se instrumentalizassem como fatores de mudança social.

⁵ Sob este aspecto consultar entre outros autores BOSI (1992:242)

⁶ Cf. BITTENCOURT (1917, p.61); GUARANÁ (1925:75); PINA (1994: 191-204); FREIRE (1988, p.29-41); ANDRADE (1929, p.156) e LIMA (1998)

⁷ Este livro ainda não foi localizado, teria sido publicado pela Tipografia da Gazeta de Aracaju e teria 39 páginas

⁸ Discurso publicado no Jornal “O Estado de Sergipe” em 17 de agosto de 1911.

⁹ Esta sociedade “Hora Literária” teria sido segundo alguns autores, precursora da Academia Sergipana de Letras, que será criada em 1929 (cf. NUNES, 1984, p.262) e só contará com a presença feminina, ocupando uma de suas cadeiras em 1978, com o ingresso da escritora, poetisa e professora Núbia Marques.

¹⁰ Segundo as informações na capa desta obra, que continha dados biográficos de personalidades sergipanas, era adotado como livro didático no Collegio Militar de Barbacena, no Ginásio Federal e nas Escolas públicas de Sergipe, tendo sido escrita segundo o autor “*especialmente para a mocidade das escolas.*” (BITTENCOURT, 1917)

¹¹ Escritor, jornalista, projetou-se por suas posições políticas e filosóficas, fundou no Rio de Janeiro o Centro de Estudos e Ação Religiosa D. Vital e editou a revista a Ordem (cf. FONTES, 1998)

¹² Foi professor na Escola Normal de Educação Moral e Cívica (cf. FREITAS, 1995, p. 94)

¹³ SIQUEIRA, Etelvina Amália de. Hymno Escolar. In: **Revista Renovação**. N.12. Aracaju: Casa Ávila Editora, 15 de junho de 1931. p.8

¹⁴ Agradeço a generosidade da Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal que me apresentou com o livro de Nascimento Morais Filho, permitindo que eu conhecesse um pouco mais de Maria Firmina e sem este não seria possível realizar este trabalho.

¹⁵ Esta referência sobre a primeira romancista brasileira é alvo de debates entre os estudiosos, alguns como Muzart (1999, p.265) apontam a catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro que publicou seu primeiro romance no mesmo ano que Ana Firmina dos Reis no Rio de Janeiro. O título de primeira escritora do Brasil, segundo Schumacher e Brazil (2000, p.390)), ainda poderia ser dividido com Nísia Floresta que até 1859 só havia feito traduções e Teresa Margarita Orta que apesar de ter publicado seu ensaio político romancado em 1752m mudou-se para Portugal ainda pequena.

Referências bibliográficas

ALMANACK DE SERGIPE para 1927. Anno I, n.1 Aracaju: editora Gráfica Guttemberg, 1927.

ALMANACK DE SERGIPE para 1928. Anno I, n.2 Aracaju: editora Gráfica Guttemberg, 1928.

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Literatura Sergipana**. 2. Ed. Brasília: s.n.t., 1976.

ANDRADE, Maria Rita Soares de. **A mulher na literatura**. Aracaju: Casa Ávila editora, 1929. (These de concurso apresentada ao Atheneu Pedro II para concorrer à livre docência da cadeira de Literatura)

BITTENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**. Em todos os remos da actividade e do saber de 1500 a nossos dias. Vol. I. Sergipe; Rio de Janeiro: Typ. Mascotte, 1917.

BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FIGUEIRÔA, Meirevandra Soares. “**Matéria livre... espírito livre para pensar**”: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884). São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2007. (Dissertação de Mestrado)

FONTES, José Silvério Leite. **Razão e Fé em Jackson de Figueiredo**. Aracaju: EDUSF, 1998.

FREIRE, Ofenísia Soares. Homenagem a Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. N.28. Aracaju: Unigrafica; Empresa Gráfica Universitária, setembro de 1981. p. 265-274.

FREIRE, Ofenísia Soares. Etelvina Amália de Siqueira. Pioneira das intelectuais sergipanas. In: **Caderno de Cultura do Estudante**. Ano V. n.5, Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, 1988. p. 29-41.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “**Vestidas de azul e branco**”: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso

no magistério.(1920-1950). Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. (Dissertação de Mestrado)

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, (Governo do Estado de Sergipe), 1925

LACERDA, Lílían de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel**: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Salvador: Quarteto, 2005.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana**. Vol.II. Fase Romântica. Aracaju: FUNDESC, 1986.

LIMA, Laís Amaral Vieira. **A participação feminina na Imprensa Abolicionista em Aracaju (1881-1885)**: Etelvina Amália de Siqueira. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 1998. (Monografia de conclusão do curso de bacharelado em História)

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A dimensão da palavra**: práticas de escrita de mulheres. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

MELO, Clarice Nascimento de. **Participação de mulheres na História da Escola Mista no Pará – 1870/1901**. Natal: Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. (Tese de Doutorado)

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.) **Refúgios do eu**: educação, história., escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. S.n.t./s.d.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (org.) **A mulher em nove versões**. Natal: Editora da UFRN, 2001.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p.264-273.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**. Aracaju: s.n.t., 1994.

REVISTA RENOVACÃO. (n.1 – n.39) Aracaju: Casa Ávila Editora, 1931-1934.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SANTOS, Maria Nely. **A sociedade libertadora “Cabana do Pai Thomaz”**. Francisco José Alves. Uma história de vida e outras histórias. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1997.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SERGIPE UNIDO. Aracaju, 1935.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos; FERREIRA, Luzilá Gonçalves; DANTAS, Marluce Raposo; PESSOA, Maria Nilda; COSTA, Rachel de Hollanda. (orgs.) **Um discurso feminino possível: pioneiras em Pernambuco (1830-1910)**. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1995.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p.401-442.